

Torcendo pelo gol contra

Coluna Presidência

Alguns dos principais aliados do candidato petista Luiz Inácio Lula da Silva já se preocupam seriamente com o rumo que sua campanha vem tomando. Depois de um momento de euforia com seu crescimento nas pesquisas de intenção de voto, Lula despençou e só tem conseguido chamar a atenção por declarações pouco favoráveis para a sua campanha.

Mais do que defender posições polêmicas, alguns dos integrantes da frente de esquerdas (PT/PDT/PSB/PC do B/PCB) estão preocupadíssimos com o estilo que vem sendo adotado por Lula. Na sexta-feira, ele patinou feio, chegando a cometer o ato falho de dizer "como Deus é grande e ainda não foi privatizado, o desemprego subiu". Percebendo a derrapada, corrigiu-se para dizer que o aumento do desemprego não é motivo de alegria.

Ninguém imagina que Lula esteja contando com o aumento do desemprego no País, numa espécie de torcida para que surjam problemas para o governo de seu adversário, o presidente Fernando Henrique Cardoso. Lula não é tolo e tem história de vida suficiente para que ninguém duvide do seu caráter.

Lula parece estar enfrentando, na verdade, uma fadiga eleitoral. Antes da eleição, disse para quem quisesse escutar, que sua vontade era ficar de fora da corrida presidencial. Acabou candidatando-se pela terceira vez seguida. Com a entrada de Leonel Brizola na sua chapa, numa união inédita entre os dois maiores partidos de oposição do País, Lula ganhou um primeiro fôlego e iniciou sua campanha.

Os petistas podem até torcer o nariz, mas Lula conseguiu encostar em Fernando Henrique mais por falhas do governo do que por mérito da oposição. A seca estourou no Nordeste em proporções monstruosas, começaram saques, ocorreram os incêndios em Roraima, o desemprego subiu e o presidente comparou as pessoas que se aposentavam antes dos 50 anos com vagabundos. Com tantos pro-

blemas, Fernando Henrique ficou acuado.

Pois bem. Bastou uma reorganização na campanha tucana para que os números das pesquisas eleitorais voltassem a apontar uma generosa vantagem para o presidente e apontassem sua vitória já no primeiro turno. Como é impossível ganhar todos os jogos com gols contra, o porcentual de Lula nas pesquisas começou a minuar.

É impossível ignorar que Fernando Henrique leva uma vantagem natural na eleição pelo fato de ser o presidente e garantir com qualquer gesto uma exposição natural. Mesmo assim, esperava-se um Lula diferente na campanha.

Os primeiros erros começaram com a fala de Brizola, ameaçando reverter o leilão do Sistema Telebrás, um ponto que assustou os investidores e os políticos estrangei-

ros. Lula passou a atacar Fernando Henrique diretamente, esquecendo que mesmo quando o governo vai mal, normalmente a imagem pessoal do presidente é bem recebida pela opinião pública.

Os sinais da fadiga eleitoral continuaram a ser dados quando Lula chegou a propor a criação de uma espécie de CPMF para custear a agricultura. Depois, disse que a história não era bem assim. Essa fadiga já acontecera na campanha de 1994, quando Lu-

la praticamente atirou a toalha depois de um comício em Ribeirão Preto, ao perceber que não havia maneira de reverter a vitória de Fernando Henrique.

O tom das declarações de Lula e seus aliados continuou sempre um ponto acima do tom normal. Lula chamou Fernando Henrique de "Judas" por causa da privatização da Telebrás. Seu aliado, João Pedro Stédile, um dos líderes do Movimento dos Sem-Terra, comparou o presidente com "Satanás". Não consta que Lula tenha ganho qualquer voto com isso. Lula terá de dar uma guinada na sua campanha para poder reagir. Só não pode ficar torcendo para sempre pelo gol contra do adversário.



■ Marcelo de Moraes é jornalista

Lula conseguiu encostar em FHC mais por falhas do governo do que por mérito da oposição